



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

ABERTURA DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

Palácio do Planalto
21 de março

O Presidente José Sarney abre as comemorações do Centenário da Abolição da Escravatura e anuncia que será criada a Fundação Cultural dos Palmares, para incentivar a cultura negra. Assina vários atos de apoio à causa negra e condena o apartheid.

16 de março — O Ministro da Marinha, depois de receber o Presidente Sarney no Rio de Janeiro, critica a possibilidade de eleições para Presidente ainda em 1988.

18 de março — O Presidente Sarney esclarece não aceitar barganhas, como a de trocar parlamentarismo pelo mandato presidencial de 5 anos interrompendo negociações que mantinham nesse sentido algumas lideranças políticas.

21 de março — O General Olavo Guimarães, Chefe do Centro de Comunicação Social do Ministério do Exército, declara que eleições presidenciais ainda em 1988 estão «fatalmente ligadas» à perturbação da lei e da ordem.

Considero um privilégio, que o destino me reservou, a oportunidade de falar nesta solenidade, como brasileiro e como Presidente da República. É com orgulho que participo deste momento singular da história brasileira: o Centenário da Abolição. Não preciso de outra inspiração do que

aquela que decorre do sentimento de grandeza desta grande data.

Falo por todos. Sei que sou o intérprete de todo o País, no momento em que se abrem as solenidades comemorativas dos cem anos da Abolição.

Estamos aqui para louvar e agradecer. Louvar, reconhecendo. Agradecer, exaltando.

Aqui nos une não somente uma data maior do nosso calendário, mas o orgulho, o reconhecimento e o espírito de justiça.

Os atos que nesta hora se iniciam nos dão a oportunidade de declarar de público o nosso orgulho da raça negra. Daquela que aqui chegou com a sua cultura, com a sua sensibilidade criativa, e aqui se identificou com outras raças, na formação do povo brasileiro.

É preciso proclamar aqui a unidade. A unidade na diversidade. A que une a Nação e a diversifica nas singularidades de seu povo. Com sua música. Com seus cantos. Com sua beleza. Com seu poder de comunicação universal. Com a sua fraternidade.

Escolhemos o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial para dar início a essas comemorações. Meu Governo tem afirmado o repúdio do Brasil ao racismo e ao *apartheid*. Assinei, inclusive, decretos proibindo as relações culturais, artísticas e esportivas com a África do Sul.

Essa medida prática de repúdio ao *apartheid* está em harmonia com os princípios que sempre adotei nesta matéria.

Devo recordar que, em 1961, contava eu 31 anos e participava, como delegado especial do Brasil nas Organizações das Nações Unidas, da XVI Assembléia Geral.

Integrante da delegação brasileira, tive a oportunidade de então ser um dos pioneiros que ocuparam a tribuna das Nações Unidas para condenar o *apartheid*.

No discurso que ali pronunciei então, assinaei que, «desprovida de qualquer fundamento científico, religioso ou moral, a existência do *apartheid* se baseia apenas no

egoísmo de grupos racistas, tendo como objetivo a escravidão econômica e a manutenção de um sistema de privilégios, sem nenhuma consideração pelos direitos fundamentais do ser humano, pelas aspirações de liberdade que se manifestam no mundo contemporâneo».

Naquele discurso pronunciado há quase três décadas, referi-me ainda ao processo de formação de nossa democracia racial, e ressaltei a orientação seguida pelo Brasil para aprofundar a política de integração. Um dos instrumentos mais notáveis dessa política — então observava — era precisamente a Lei Afonso Arinos, que caracteriza a política de discriminação racial como um crime.

Como Presidente da República, tive também o orgulho e a honra de assinar, nas Nações Unidas, a adesão do Brasil, como XII País do mundo, ao tratado contra qualquer forma de discriminação.

Não cabe ao Estado brasileiro conduzir as comemorações do Centenário da Abolição da Escravatura como se detivesse ele a chave de interpretação da nossa história.

Determinei ao Ministro da Cultura, Dr. Celso Furtado, que as comissões criadas para esse propósito funcionassem tão-somente como órgãos de apoio às próprias iniciativas da sociedade, à militância dos movimentos negros e aos projetos por eles mesmos propostos em todo o território nacional, em simpósios, debates, seminários, conferências, publicações e outras manifestações.

Quando necessário, esse apoio será também material. E por isso estou abrindo um crédito especial para as comemorações.

Há muito a comunidade negra do Brasil reivindica a criação de um espaço institucional que sirva de apoio à emergência das lideranças negras e à redescoberta da verdadeira consciência do Brasil. A Fundação dos Palmares, que estamos criando, resgatará esta consciência.

Ano passado, quando discutíamos com o senhor Ministro da Cultura de que maneira devíamos comemorar o Centenário da Abolição, lembrei-lhe de que devíamos marcar a data com o órgão que servisse permanentemente de apoio para a ascensão social da raça negra no Brasil. E su-

geri e acordamos a criação de uma fundação que se chamará de Fundação Palmares, que irá apoiar as inteligências, as lideranças e as consciências que se formarem na raça negra no Brasil para que, dentro de poucos anos, nós tenhamos formado no País um contingente da raça negra que possa atuar em todos os setores do Brasil.

Na linha dessa determinação acabei de assinar o decreto que declara monumento nacional a Serra da Barriga, em União dos Palmares, em Alagoas. Ali se deram as lutas lideradas por Zumbi, marco da conquista da liberdade dos negros escravos.

O Quilombo dos Palmares resistiu durante quase todo o século XVII ao assédio das forças coloniais. Ganga Zumba, Zumbi e tantos outros heróis da liberdade são expressões da determinação de um povo que preferiu enfrentar a morte e a tortura a aceitar a desonra do cativo.

Já em meu Governo havíamos tombado a Serra da Barriga. Agora erguemos simbolicamente um monumento à resistência e à consciência negra na busca da liberdade.

Estamos tomando as providências concretas para a desapropriação das terras, onde iremos erigir um marco ao Quilombo dos Palmares, reivindicação antiga dos movimentos negros do Brasil.

O Centenário da Abolição marca um compromisso da Nação brasileira consigo mesma. Valoriza a contribuição do negro na singularidade da vida brasileira. Essa singularidade se afirma a cada momento nas mais diversas expressões de nossa cultura. Afirma-se na dança, na música, no esporte, nas letras, na política, na ciência, na pintura, na escultura, na economia e nas relações sociais.

Por sua base física, por sua cultura, por sua potencialidade econômica, seus sentimentos de comunhão humana, o Brasil amplia, a cada instante, a sua forma de presença na unidade universal.

Se damos ao mundo — aprimorando a cada dia — a lição da convergência étnica e do conagraçamento racial, isto se deve, na sua parte mais ampla, à postura do elemento negro nesse conagraçamento e nessa convergência, superando conflitos, para sobrepairar a compenetração de que

temos um papel a desempenhar, cada instante, na paz, na ordem e no desenvolvimento mundial.

Folgo em proclamar que o Centenário da Abolição vale também como exemplo. Exemplo que oferecemos à alvorada do novo século, como um complemento de maturidade política que propiciou o advento das novas nações africanas, superando os equívocos do colonialismo extemporâneo. Estamos diante do homem negro como expressão de civilização e de cultura. Consciente de seu valor e de seu papel. De sua experiência e de seu espírito de luta. De sua significação e de sua importância. De sua solidariedade e de seu arrojo. Ajudando a construir.

Graças a sua formação e a sua unidade, o Brasil sempre assumiu uma postura inequívoca diante do conflito racial no mundo. Nas horas decisivas, temos sabido dizer não ao *apartheid*.

É assim que desejamos que a abolição seja comemorada. Com uma prestação de contas na ordem da comunhão humana. E com um avanço a mais na ordem nas altas decisões históricas. Fraternalmente. Como deve ser. Lado a lado. De mãos dadas, com os olhos no futuro.

A população negra, que no passado defendeu, com o elemento branco e o elemento indígena, a nossa base física e a unidade nacional, tem também compromissos com o futuro do nosso Brasil, país a que está associado o seu sangue, o seu sonho, o seu orgulho, porque todos somos brasileiros.

Quero dar os parabéns ao ministro Celso Furtado pela iniciativa de propor o lançamento do Programa Nacional do Centenário da Abolição da Escravatura. Tenho no ministro um auxiliar leal, atuante e austero, que realiza à frente de sua pasta, criada em meu Governo, notável obra de estímulo à criação artística, de preservação do nosso patrimônio histórico-cultural e de recuperação das fontes mais autênticas da nacionalidade.

O ministro tem na coordenação deste programa de comemorações a valiosa e dedicada colaboração de Carlos Moura, seu assistente e um dos líderes mais dinâmicos da comunidade negra.

Nosso exemplo será o de lutar, todos solidários, para acabar com as desigualdades, as incompreensões e a intolerância. Lutar para que todos os brasileiros tenham iguais oportunidades em todos os campos e possam participar plenamente na construção de um Brasil próspero, justo, livre e democrático.

Somos o elo de uma corrente que se alonga para o futuro. Perene. Indestrutível. Nesse futuro só há espaço para a fraternidade, o progresso e a união do Brasil.

Viva a raça negra do nosso País!